

## O PROTAGONISMO JUVENIL EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

### THE YOUTH PROTAGONISM IN SCHOOL CONTEXTS

Shirlei de Souza Corrêa<sup>1</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-9310-0454>

João Derli de Souza Santos<sup>2</sup>

<https://orcid.org/0009-0007-7855-9065>

Vera Lúcia Simão<sup>3</sup>

<https://orcid.org/0000-0001-6169-0242>

Recebido em: 15 out. 2022.

Aceito em: 20 nov. 2022.

#### RESUMO

A juventude vem demarcando um campo de mudanças, de lutas e de conquistas na sociedade. Tais mudanças vêm favorecendo a quebra de alguns paradigmas e, ainda, instalando outros. O próprio conceito de juventude que a sociedade contemporânea vem adotando, aponta um olhar além das questões biológicas, se ocupando, sobretudo, com o jovem que assume o desafio de agir, interagir e influenciar as estruturas existentes. Essa questão, a do protagonismo juvenil, quando discutida no contexto escolar, pode ganhar espaço e promover a ampla participação do jovem como verdadeiro ator da dinâmica escolar. Com o objetivo de perceber como os profissionais visualizam esta questão no interior das escolas, esta pesquisa, sob a metodologia do grupo focal, percebeu que estes movimentos são marcados mais pelas exigências legais - instituídas por documentos ou ações que são impostas às unidades escolares, do que pelos desejos e necessidades dos próprios jovens.

**Palavras-chave:** Protagonismo escolar. Juventude. Contexto escolar.

#### ABSTRACT

The youth has been demarcating a field of changes, fights and achievements in society. Such changes have been favoring the breaking of some paradigms and also installing others. The very concept of youth that contemporary society has been adopting points to a look beyond biological issues, focusing, above all, on young

---

<sup>1</sup> Doutorado em Educação. UNIVALI – SC. E-mail: [shirleiscorrea@hotmail.com](mailto:shirleiscorrea@hotmail.com).

<sup>2</sup> Doutor em Educação Unicamp, 2012. E-mail: [derli@unifebe.edu.br](mailto:derli@unifebe.edu.br).

<sup>3</sup> Doutorado em Educação. Espanha. E-mail: [vsimao2@gmail.com](mailto:vsimao2@gmail.com).

people who take on the challenge of acting, interacting and influencing existing structures. The issue of youth protagonism, when discussed in the school context, can gain space and promote the broad participation of young people as true actors in school dynamics. With the aim of understanding how professionals see this issue within schools, this research, using the focus group methodology, realized that these movements are marked more by legal requirements - established by documents or actions that are imposed on school units, rather than by the desires and needs of young people themselves.

**Keywords:** School protagonism. Youth. School context.

## INTRODUÇÃO

Ao longo das últimas seis décadas, a juventude tem desempenhado um papel destacado nas dinâmicas sociais, culturais e econômicas em escala global. Durante esse período, verificou-se uma redefinição do conceito de juventude, indo além das categorizações meramente biológicas para abraçar uma complexa rede de influências sociais. Essa evolução conferiu aos jovens não apenas a capacidade de agir e interagir, mas também o poder de exercer uma influência significativa sobre as estruturas preexistentes.

Nessa trajetória histórica, a juventude tem assumido posturas assertivas em resposta ao que percebe como injustiças, fundamentando suas ações em análises sociais, culturais e, em muitos casos, motivações de natureza política. A atuação coletiva, considerada um elemento catalisador que delimita a mobilidade juvenil, tem fortalecido os movimentos juvenis, conferindo substância às suas reivindicações.

A partir desse contexto dinâmico, emerge o conceito de "protagonismo juvenil" como intrínseco aos movimentos emancipatórios concebidos pelos jovens. Esse conceito não apenas encerra a ideia de que o protagonismo juvenil pode catalisar a participação social, mas também sugere que tal engajamento pode acarretar impactos benéficos não apenas no desenvolvimento pessoal dos jovens, mas também no progresso das comunidades em que estão inseridos.

Este artigo, ao abordar a temática da juventude e, mais especificamente, do protagonismo juvenil, apresenta resultados de uma pesquisa conduzida com professores do ensino médio. O objetivo primordial da pesquisa reside na exploração

desses conceitos, com um enfoque particular no cotidiano escolar, buscando compreender como os profissionais da educação percebem o papel do protagonismo juvenil no ambiente educacional.

## JUVENTUDE E AS QUESTÕES HISTÓRICAS

Ao analisarmos o contexto histórico da humanidade perceberemos que, num capítulo mais recente, a população jovem vem se destacando histórica, social e culturalmente por uma dinâmica revolucionária. A exemplo desta dinâmica, podemos destacar os movimentos que se efetivaram em favorecimento dos regimes democráticos, o que propiciou a expansão das reflexões e dos posicionamentos ativos da juventude no meio social. Sendo que, a segunda metade do século XX foi palco de reivindicações, solicitações e revoluções organizadas pela juventude em diferentes contextos espalhados pelo mundo.

[...] os jovens, sobretudo a partir da segunda metade do século XX, promoveram intensas mudanças na cultura e nas relações em sociedade. As modificações no modo de as pessoas falarem, vestirem-se, dançarem, alimentarem-se, fazerem sexo, mas, sobretudo, nas estruturas familiares, escolares, políticas e econômicas foram promovidas, substancialmente, por enfrentamentos e gritos juvenis (SANTOS, 2013, p. 70).

O que aconteceu na França, na década de 1960, quando a juventude protagonizou o emblemático e histórico Maio de 1968 – marcada pela revolução estudantil, pode ser considerado como um exemplo desta dinâmica revolucionária – inerente, historicamente, aos jovens. Tal movimento, representava a luta dos jovens por um espaço na sociedade onde temas como educação, política e sexualidade recebessem, também, o peso de suas opiniões. Organizado pela juventude, esse movimento engatilhou uma greve geral das universidades e, influenciou, diretamente, a posterior greve dos trabalhadores fabris. Para Thiollent:

Havia formas de luta com objetivos políticos mais amplos que as questões estritamente universitárias, diplomas e incertezas de colocação dos recém-formados no mercado de trabalho. Os objetivos, às vezes irrealistas, foram associados a elementos de contestação não somente do conteúdo do ensino, mas do conteúdo da sociedade e da vida em geral (1998, p. 6).

Embora o movimento tenha se dissipado rapidamente, deixou na geração que vivenciou estas mudanças o desejo de ser ouvida e de fazer parte da sociedade, o que provocou, além da reflexão e do deslocamento dos setores conservadores, um novo percurso nas ciências, na política, na indústria, no contexto familiar e nas instituições escolares. O jovem passaria a reivindicar seu espaço e lutar para ser ouvido.

No contexto americano, os movimentos jovens foram marcados principalmente pela luta dos negros para serem aceitos na sociedade. Atrelada a esta reivindicação, estava o desejo de segurança no que se referia aos direitos civis. Entre estes movimentos que ganharam destaque nos Estados Unidos, que lutavam por esta causa, destacaram-se os Panteras Negras e Black Power. Um dos líderes desta revolução, conhecido mundialmente, foi Martin Luther King, que fez e marcou a história ao defender bravamente a abolição da segregação e da discriminação racial.

Na Alemanha, o movimento nazista, embora não tenha tido iniciativa da juventude, se utilizou da força jovem para dissipar mais de 6 milhões de vidas durante a 2ª Guerra Mundial. Adolphe Hitler, o grande idealizador deste movimento perverso que chocou o mundo, usou o conceito de “Juventude Hitlerista” para recrutar adolescentes, que, a partir dos 14 anos, poderiam entrar e servir aos preceitos estabelecidos pelo grupo. O movimento ganhava força e a adesão das famílias que acreditavam na ideologia nazista e achavam pertinentes a participação e a representação dos jovens no movimento que seria, mais tarde, entendido como um momento histórico e traumático para a humanidade.

Ainda nas décadas de 1950-1960, uma importante representação da juventude aconteceu no Brasil. Iniciada nos meios acadêmicos, a UNE – União Nacional dos Estudantes, protagonizou fatos decisivos para a história da juventude no país. Uma das questões defendidas pela UNE era o firme posicionamento contra as investidas nazista-fascistas que assolavam o mundo em meio a Segunda Guerra Mundial e, também tinham seus seguidores no Brasil. Outro episódio marcante foi a campanha “O petróleo é nosso”, protesto que se ergueu contra a entrada de empresas estrangeiras para a extração e exploração do petróleo no país. Tal manifestação influenciou, atrelado a outros contextos e movimentações nacionais, a criação da Petrobrás na década de 1950.

Outro capítulo que trata das lutas históricas da juventude no contexto brasileiro diz respeito à tomada de poder por parte dos militares, instaurando-se assim, a ditadura militar no Brasil. Neste período, os estudantes que faziam parte da UNE mantinham suas manifestações contra a ausência da democracia e da liberdade de expressão. Este período foi marcado por intensos confrontos entre aqueles que manifestavam e contra os representantes dos militares. Episódios de prisões, torturas, exílios e mortes forçaram o movimento a atuar na clandestinidade, o que mesmo assim não impediu as perseguições constantes. A história que se passava neste período no Brasil já se caracterizava como uma demarcação da juventude para a participação social. Não tinha mais volta, a juventude tornava-se uma bandeira de influência, ou antes disso, uma interrogação sobre os rumos do país (SANTOS, 2013).

Sobrevivendo a conflitos, a UNE presenciou o fim da ditadura, e, a partir daí, comemorou maiores oportunidades de acesso ao ensino superior através dos manifestos dos excedentes (GROPPO, 2005). Da mesma forma, a juventude brasileira marcou presença ao participar da campanha “Diretas já” e do movimento “Caras pintadas”. Representações essas que marcaram a ânsia do país, a partir das vozes jovens ecoadas pelas ruas, pela instauração do movimento democrático no país.

Nos anos que se seguiram, embora com foco diferenciado, o movimento seguiu sem perder força, passando a atuar em favor das universidades públicas, trazendo para seus movimentos, reivindicações por maiores recursos, qualidade e acessibilidade para o ensino superior. Entre eles, um dos últimos episódios que marcaram a presença da UNE nos movimentos sociais, culturais, políticos e históricos aconteceu na corrente década. No ano de 2013 a UNE participou ativamente dos protestos nas ruas do Brasil, tendo como reivindicação principal a reforma política e o fim do financiamento de pessoas jurídicas a campanhas eleitorais – o que veio a se consolidar no ano de 2015, mais uma vez marcando a presença da juventude atuante. Outro exemplo de movimentação juvenil, também de grande destaque nas mídias, foram os movimentos inaugurados recentemente, onde os jovens foram às ruas para protestar contra o aumento das taxas de transporte coletivo.

Como visto, historicamente os movimentos instituídos pelos jovens ou mesmo aqueles que garantiram a participação dos jovens se espalharam pelo mundo e se

adequaram, de maneira diferenciada, aos interesses, necessidades e desejos de toda a sociedade. Na atualidade, novas formatações de grupos, ao apostarem em diferentes movimentos, alguns com características idealistas e sociais parecidas com aquelas historicamente delimitadas, outros, com diferentes concepções, vem tentando defender seus ideais e garantir seu espaço enquanto grupo.

Os movimentos juvenis ligados a religião, ligados à educação, à política, e, ainda aqueles grupos que tem como bandeira de protesto a música ou a arte – a exemplo os cantores que aderem ao estilo Hip Hop, bem como os pichadores, são reflexos destas novas estruturas que representam, de algum modo, a cultura juvenil marcada ora pelo protesto, ora marcada pela insatisfação e desejo de mudança. Importante ressaltar, no entanto, que não é somente por ideais e pela busca dos direitos que os jovens se fortaleceram e se uniram no decorrer da história. Há, sobretudo, episódios na história da humanidade que geraram medo e tristeza ao representarem as marcas e influências negativas dos regimes ditatoriais existentes, havendo, claramente, em cada situação específica, uma grande parcela de manipulação de quem detinha o poder sobre a parcela jovem. Algo semelhante ocorreu, e ainda ocorre, no Oriente Médio e em alguns países do continente Africano, onde adolescentes e jovens são treinados para matar e sentirem, por aqueles que demonstram diferenças étnicas, religiosas, etc, sentimentos de ódio, que conseqüentemente os levam ao desejo de extermínio. No Brasil ocorre, já há algumas décadas, com maior intensidade nos últimos anos, o envolvimento de jovens e adolescentes no uso e tráfico de drogas. A desestrutura econômica e familiar, atrelada aos exemplos que os norteiam e a possibilidade de um *status* regado a dinheiro e diversão, tem levado uma grande quantidade de jovens ao mundo do crime.

Diante deste contexto, reside não somente a descaracterização dos movimentos juvenis, como a própria descaracterização do ser jovem e, conseqüentemente a perda social que isso acarreta. Tal perda, defendida por Groppo e Silva (2020), está expressa nos movimentos históricos que concentram estes grupos e são marcados pela imagem do jovem como dissipador da violência. O jovem, mobilizador de grupos e de movimentos sociais, passa a ser visto não como possibilitador de questões e questionamentos, mas sim como uma força violenta, preocupante e negativa. O jovem torna-se uma constante preocupação das

sociedades modernas e contemporâneas, tornando-se uma questão de ordem pública (GROPPO, 2005).

Vimos, até aqui, que a trajetória que representa os movimentos instituídos pelos jovens dependeu, e ainda depende, de influências históricas, sociais, culturais e econômicas vivenciadas nos diferentes contextos. Percebemos que

Não há juventude sem história, porque ela não existe por si mesma, e só é possível de ser compreendida como produção social, delimitada por fatores temporais, espaciais e culturais, não parece ousado ponderar que não há história contemporânea sem a juventude, pois sua invenção e os seus movimentos nas últimas décadas moveram tudo que é “novo” no mundo (SANTOS, 2013, p. 71).

Assim, a dinâmica juvenil nunca é original por si só, pois quando inserida em um momento histórico totalmente conturbado e repressivo, se torna, ainda assim, força de luta, participação e protesto.

A partir da breve discussão conceitual sobre as afirmações históricas baseadas nos movimentos juvenis, partimos para a exploração do conceito de protagonismo juvenil, que, embora diferente, representa um papel de empenho, de luta e de motivação pelo novo. Tal motivação representada pelo protagonismo juvenil, pressupõe o estímulo a participação social dos jovens, e que estes possam contribuir não apenas com o seu desenvolvimento pessoal, mas com o desenvolvimento das comunidades em que eles estão inseridos, seja na família, na escola ou mesmo num contexto mais amplo.

## **O PROTAGONISMO JUVENIL**

Diante do contexto marcado por lutas e movimentos juvenis, as legislações brasileiras bem como os documentos que instituem as questões curriculares e avaliativas referentes ao ensino dos jovens, indicam algumas possibilidades que propiciam a execução do protagonismo juvenil. Os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM asseguravam, já na década de 1990, a vivência do protagonismo juvenil na escola, bem como documentavam um incentivo e um pronunciamento direto aos profissionais envolvidos com a educação para os jovens, afirmando a importância de tal temática.

Outro importante documento, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o ensino Médio – DCNEM, atualizada em 2012, em seu artigo 16, quando menciona a organização dos Projetos Políticos-pedagógicos – PPPs, bem como os planejamentos dos professores, faz a seguinte orientação para a execução do protagonismo dentro das escolas: “garantir a participação social e o protagonismo dos estudantes, como agentes de transformação de suas unidades de ensino e de suas comunidades;” (BRASIL, 2012, p. 7). Em outro momento, quando o texto do documento aponta orientações aos sistemas de ensino, é possível observar, novamente a questão do protagonismo sendo colocado como uma ação social:

Indica-se várias alternativas pedagógicas, incluindo ações, situações e tempos diversos, bem como diferentes espaços – intraescolares ou de outras unidades escolares e da comunidade para atividades educacionais e socioculturais favorecedoras de iniciativa, autonomia e protagonismo social dos estudantes (BRASIL, 2012, p. 8).

Outra questão discutida nas DCNEM diz respeito à formação humana integral. Não se concebe, na atualidade, a possibilidade de uma formação que atenda, como atendeu historicamente, questões extrínsecas aos interesses dos objetivos escolares – ora respondendo a interesses hierárquicos, ora atendendo a necessidade de mão-de-obra. O que se percebe é que as novas diretrizes apontam para a formação de um sujeito ativamente crítico e que esse possa atingir sua emancipação.

Diante deste contexto, instituído nos documentos legais que norteiam a formação dos jovens alunos do ensino médio no Brasil, pensar numa educação que garanta a integralidade do aluno é também pensar numa educação que possibilite a participação nos movimentos democráticos, contemplando, portanto, o protagonismo juvenil como prática recorrente, tanto dentro dos espaços escolares, como na sua extensão – a sociedade.

Assumindo estas orientações dos documentos legais e incorporando a importância da formação direcionada ao jovem, os conceitos de protagonismo juvenil, bem como sua derivação e seus significados, podem ser discutidos a luz de alguns autores. Ficamos, inicialmente, com Souza (2008), que afirma que o termo protagonismo está ligado a questão originária a competição, luta, jogo. Ao discriminar tal conceito, autora segue estabelecendo uma crítica ao uso distorcido do termo no contexto atual. Na visão do autor, a sociedade e a escola, em muitos casos, põem o

jovem na posição de protagonista, mas sua atuação não se caracteriza um confronto, como vem a explicitar o significado da palavra. Muitas vezes, complementa a autora, o jovem apenas atua, ocupa um lugar.

Neste interim, ser protagonista vai além da atuação, é mais ocupar um lugar. Para Souza (2006, p. 9), “o jovem protagonista é invariavelmente lembrado como o **ator principal** no cenário público, posição de destaque que supõe algum tipo de ação política. Contudo uma ação política despida da luta e transformada em atuação social”. (Grifos nossos). Corroborando, Costa (S/D, p.07) afirma que, no campo da educação, “o termo protagonismo juvenil pressupõe não somente à atuação dos jovens como personagem principal de uma iniciativa, atividade ou projeto voltado para a solução de problemas reais.” Assim como Souza, esse autor acredita que a essência do protagonismo está na participação ativa e construtiva do jovem na vida da escola, da comunidade ou da sociedade mais ampla. Tais definições, ao serem problematizadas, convergem aos anseios de uma sociedade que necessita, além do jovem preparado profissionalmente, alguém apto a questionar, discutir, construir, a assumir questões políticas e sociais, gerar e nutrir discussões propícias à construção de uma sociedade justa e democrática.

Neste contexto de discussão em que o jovem é, ao menos teoricamente, uma das principais vozes a serem ouvidas para a desenvolvimento da sua própria formação – humana e integral, o protagonismo juvenil surge como uma possibilidade de envolvimento e interação com a sociedade, sendo assim definida como a

[...] atuação de adolescentes e jovens, através de uma participação construtiva. Envolvendo-se com as questões – da própria adolescência/juventude, assim como, com as questões sociais do mundo, da comunidade.... Pensando global (O planeta) e atuando localmente (em casa, na escola, na comunidade...) o adolescente pode contribuir para assegurar os seus direitos, para a resolução de problemas da sua comunidade, da sua escola. (RABÉLLO, s/d, p.1).

Podemos perceber que, diante desta afirmação, a questão do protagonismo juvenil não é uma questão que diz respeito somente a escola. Essa questão, é, antes de tudo, uma questão política – de amplitude, que permite e necessita o reconhecimento e o aceso às questões de ordem social, que são, definitivamente, inerentes ao ambiente escolar.

Se nos perguntarmos, enquanto profissionais da educação, se e de que maneira a escola tem tido condições de ser convidada para entrar no mundo juvenil, podendo assim proporcionar a esses jovens condições de participação e construção do seu protagonismo social, qual seria nossa resposta?

Essa questão, de ordem complexa, talvez não tenha, de imediato, muitas respostas. Entretanto, a partir destes questionamentos muito outros podem ser gerados e utilizados para problematizar a questão da juventude seja na sociedade, no ambiente escolar ou no próprio convívio familiar.

## **METODOLOGIA**

Classificamos a presente pesquisa como qualitativa, principalmente por acreditar na possibilidade de maior flexibilidade diante da investigação de seus objetos de estudo que são dinâmicos e singulares (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2002). A partir desta percepção, a metodologia eleita para a realização deste trabalho foi a do grupo focal. Elencamos tal metodologia por acreditar que esta se caracterize como instrumento possibilitador de questionamentos, debates e discussões acerca da questão principal, a juventude e seu protagonismo no ambiente escolar, foco das discussões desenvolvidas neste trabalho (CORRÊA e PEREIRA, 2022).

A pesquisa tomou como campo empírico uma escola da rede estadual de Santa Catarina. A escola tem um quadro de 65 funcionários e 986 alunos, subdivididos no ensino fundamental e médio. Como critério para seleção dos participantes, utilizamos: ser profissional da educação – professor do ensino médio ou membro da equipe gestora e pertencer ao quadro de efetivação da escola há, no mínimo, dois anos, para que dessa forma pudesse contribuir com nossos questionamentos.

O convite foi exposto aos profissionais que se enquadravam nos critérios estabelecidos. No horário combinado, posterior ao término das aulas, realizamos o grupo focal nas dependências de uma sala de aula da própria escola. Compareceram a atividade proposta seis profissionais que participaram efetivamente da atividade, que teve duração de aproximadamente uma hora.

Os participantes podem ser identificados como: cinco atuantes como professores e um como assistente técnico-pedagógico (cargo compatível com a

coordenação pedagógica). Dentre os professores, um é docente de história, um de matemática, um de geografia, um de filosofia e duas assistentes técnico-pedagógicas, que garantiram a representação da equipe gestora da escola. Para identificação durante a pesquisa utilizamos as letras P para os professores, seguidas das letras iniciais de suas disciplinas e O para Assistentes técnico-pedagógicas, seguidas de números, a saber: PH, PM, PG, PF, Or1 e Or2.

Utilizado, pois, como uma dinâmica de grupo (DEBUS, 2004), o grupo focal nos proporcionou momentos de interação, de questionamentos, de discussões acerca do tema em questão. O debate, proporcionado a partir de um tema gerador, neste caso um vídeo dos próprios alunos da escola falando sobre a participação no ambiente escolar, resultou numa discussão que garantiu a participação de todo o grupo, e voltou-se à busca de respostas para seus próprios questionamentos, entre eles destacamos: O que é ser um jovem protagonista? O jovem exerce o protagonismo na escola? A escola propicia espaço para este jovem ser protagonista? A partir desta análise inicial, elegemos nosso principal objetivo: perceber como os profissionais visualizam a questão do protagonismo juvenil no interior da escola. Os dados foram capturados por áudio-gravações e, posteriormente transcritos e utilizados para a análise e construção das considerações.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

O início do diálogo, cujo tema norteador foi a questão do protagonismo juvenil no contexto escolar, foi marcado por duras críticas e rígidos questionamentos à uma questão que se fez bastante polêmica: o jovem na atualidade. Questões como desinteresse, como a desmotivação entre outras, foram trazidos pelos participantes. A fala de um profissional, aqui em destaque, denuncia seu posicionamento:

[...] difícil falar de protagonismo juvenil quando eu estou falando de jovens que são eles mesmo que não querem exercer esse direito. E eles não querem porque são acomodados e desinteressados. Tomar para si a postura de protagonista, aquele que vai atrás de seus direitos, que luta por seu lugar, dá trabalho. E o jovem não quer ter trabalho. Eles são acomodados. E isso é da idade mesmo. (PG).

Outra fala que corrobora com a anterior, diz respeito a um profissional que vê, a partir das ações do jovem, pouco interesse pela escola. Ao narrar um trabalho

desenvolvido por ele, na disciplina de matemática, o professor atribui o insucesso ao desinteresse dos alunos. “Tento, enquanto professor, proporcionar aulas diferentes, com participações às feiras etc. Mas eles nunca querem, acham tudo chato. O jeito é usar quadro e giz, eu ensino e eles aprendem e deu”. (PM).

A responsabilização de alguns profissionais em relação ao jovem por não assumir seu papel na escola ficou bastante evidente nas conversas derivadas deste grupo focal. Na visão de alguns profissionais, deveria estar no jovem o interesse em ocupar seu lugar. A fala de um profissional aponta que “a escola vive ofertando oportunidades para os alunos, nesse caso os jovens, para participarem dos eventos, mas vê qual deles quer participar do Grêmio Escolar ou do Conselho Deliberativo por exemplo?” Diante desta colocação, visualizamos a escola, assim como a sociedade, como aquela que possibilita a participação, aquela que assume o papel de ofertar o espaço. Mas seriam estas a posição e a função social da escola? É esta a concepção de protagonismo expressa nos documentos legais que regulamentam a educação no país?

Sposito e Carrano (2003) que realizam pesquisas com jovens, são trazidas à esta discussão para auxiliarem na compreensão de que a educação e a questão do jovem protagonista ainda são questões que não estão associadas. Uma das pesquisas realizada por Sposito e Carrano (2003, p. 31) afirmam que o tema protagonismo juvenil é, na maioria das vezes, utilizado “mais pelo apelo social do que a partir de conceitos ancorados em diagnósticos sociais e reflexões analíticas vivenciadas pela juventude.” Esse fato, apontado pelas autoras, nos faz refletir sobre as condições que a escola propicia para o exercício do protagonismo juvenil. Estaria a escola atendendo uma demanda legal – atendendo a necessidade da participação dos jovens no contexto escolar? Ou estaria a escola, além de propiciando, mas também construindo estes momentos no cotidiano?

“Oferecer espaço para o Grêmio Escolar é muito fácil, isso está na lei, pois é um documento que é exigido, é uma exigência legal. Quero ver na prática, como são considerados os interesses destes alunos. A escola não sabe como lidar com isto.” (PF). Esta fala, diferentes das anteriores, não atribuem a responsabilidade somente ao jovem. Assim como na pesquisa de Sposito e Carrano, esta fala nos aponta que há uma lacuna entre propiciar condições e executar essas condições. Demonstrando,

inclusive, a presença de uma categoria que propõe a responsabilização para a escola ou para a comunidade escolar. Já que o protagonismo não é somente uma condição legal, é mais. É, sobretudo, uma questão social. O mesmo profissional afirma:

Eu trabalho na minha disciplina as questões ligadas à história da juventude, das lutas e das conquistas. E eles me questionam o porquê de não terem espaço na escola. E ainda, eles mesmo cobram de seus pares dizendo que não estão tendo espaço. Eu penso que não podemos generalizar. Alguns jovens tem interesse sim.” (PF).

Como apontado pelo professor, numa discussão como esta, não cabe a simples generalização, já que estamos tratando da juventude – temática que necessita de análises sobre sociais e culturais mais amplas. Entretanto, quando voltamos à questão em destaque, percebemos que, do mesmo modo, precisamos de análises mais amplas no que tange a questão em destaque: o papel do jovem como protagonista. Souza (2006), ao questionar a atuação do jovem em seu contexto, percebeu que “o jovem protagonista é **objeto** e não sujeito de políticas e medidas governamentais. Seu poder, enquanto sujeito protagonista, para agir, limita-se à execução dos projetos e políticas públicas” (p.16, 2006). (Grifos nossos). A contribuição da autora nos permite perceber que, a escola reproduz o que a sociedade civil impõe. Nos voltamos ao que Sposito e Carrano (2003) já tinham afirmado, que existe uma manipulação do que acontece em torno da promoção dos jovens, e a interferência, segundo as autoras, dos interesses políticos e privados na formação crítica dentro do ambiente escolar. Se é assim na sociedade, por que seria diferente na escola?

Sob este questionamento, nos atentamos ao fato de que, historicamente, o jovem foi visto pela sociedade como uma etapa que dispensava muito mais contenção de comportamentos, tidos como transgressores, do que um grupo de indivíduos capazes de melhorar, mudar e transformar situações momentâneas e futuras (Souza, 2006). Outra fala, presente no grupo focal, retrata esta discussão: “existe um olhar preconceituoso da sociedade sobre o jovem, todo mundo tacha os jovens de malandros e desinteressados, mas se formos ver, eles são empreendedores, dinâmicos e ativos” (Or2). Um participante colabora: não vamos longe, isso acontece aqui dentro da escola, muitos professores tem esse olhar preconceituoso com o jovem.” (PH). Corroborando, outro participante acrescenta: “os jovens dominam a questão tecnológica, pra isso eles não são desinteressados. Mas na escola isso não

é usado a favor da aprendizagem e muitas vezes isso é visto como um problema.” (PG).

A partir destas contribuições, apontamos que, na atualidade, outras discussões tomam forma quando a questão é a educação para jovens. Uma das concepções centrais, já discutidas, embora que brevemente neste trabalho, diz respeito a formação humana integral e responde à questão anterior. É diferente na escola porque a escola trata da formação integral, a escola está desafiada a utilizar novas estratégias e vencer novos desafios. As DCNEM apontam caminhos para a organização da educação dos jovens e apontam uma preocupação com as questões de organização e gestão curricular, propondo ao ensino médio, uma lógica que considere as singularidades e os interesses dos jovens, que estes possam desfrutar de oportunidades que lhes permitam escolher seu percurso formativo, que possam vivenciar no ambiente escolar as questões que permeiam seus interesses e necessidades:

[...] vai além da formação profissional, e atinge a construção da cidadania, é preciso oferecer aos nossos jovens novas perspectivas culturais para que possam expandir seus horizontes e dotá-los de autonomia intelectual, assegurando-lhes o acesso ao conhecimento historicamente acumulado e à produção coletiva de novos conhecimentos, sem perder de vista que a educação também é, em grande medida, uma chave para o exercício dos demais direitos sociais. (DCNEM, 2014, p. 145)

Como exposto neste documento, percebemos que as novas DCNEM estão ancoradas na necessidade de conferir outra dinâmica a esta que é a última etapa da educação básica, buscando, por meio de diferentes formas de organização da escola, a ressignificação dos saberes para que sejam capazes de conferir qualidade e ampliar a permanência dos jovens na escola, propiciando momentos de participação ativa, de protagonismo. Para isto, a escola e os professores devem assumir uma postura de engajamento, que construa e oportunize não somente a participação, e sim a efetividade nas decisões, nas escolhas, nas produções de conhecimento que serão constituídas dentro e fora do ambiente escolar. Para Gandolfo (2005), é a partir desta dinâmica que o protagonismo, visto como ações juvenis coletivas e participantes, oriundas dos interesses dos próprios jovens, ganham materialidade e garantem a construção da autonomia.

Diante deste contexto, a escola é, pois, um ambiente propício para desenvolver com os jovens a iniciativa da ação protagônica, não somente através por meio da

participação simbólica de ações e movimentos democráticos instituídos legalmente. Uma vez que a escola não está alheia à dinâmica da sociedade, já que é a instituição social responsável pela preparação dos indivíduos para a vida coletiva (BAADE et al., 2020), essa participação deve ser legítima, intrínseca às ações que possam promover a atuação do jovem protagonista, reconhecida como fonte de atuação, pois é dele que parte a iniciativa, como foco de liberdade, porque a sua ação é pautada em uma decisão consciente e de compromisso, gerada e gestada pela escola que acredita e que respeita o jovem em sua essência, que crie oportunidades para que ele mesmo possa garantir a construção de sua identidade – que deixa de ser cronológica e passa a ser cultural e socialmente definida.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Os fatos históricos não negam a atuação que a juventude tem estabelecido nas mudanças sociais, na dimensão global e nos eventos que possibilitaram uma construção mais horizontal das decisões, que foram também, influenciados pela presença jovem. De modo particular, a busca pelo acesso à educação, ou ainda a reorganização dos setores educacionais e de governos, foram causas de intensa busca e luta da camada jovem, marcada, muitas vezes, por perseguições, ameaças e até mortes.

A partir dessas bases, se buscou apresentar no decorrer deste texto as presenças juvenis ao longo das últimas décadas, evidenciando as manifestações que tinham como objetivo o reconhecimento de direitos e a participação nas decisões políticas e sociais, que aconteceram no Brasil e no mundo, com mais intensidade a partir dos 1950.

Diante dos fatos pesquisados, sendo alguns de mais relevância e abrangência, constatamos a forte presença dos jovens nas sociedades, mesmo quando essas encontram-se sob dominação de grupos com interesses diversos. A juventude em diferentes momentos da história, apresentou sua força e decisão nas contribuições e desconstrução das formas políticas, econômicas e culturais existentes.

No entanto, outra percepção possível com a realização deste trabalho é que, a visibilidade em torno dos jovens e sua importância registrada formalmente é recente.

Deve-se principalmente às grandes inovações tecnológicas e profissionais, e como consequência as mudanças nas culturas que se teve no século passado e continua a acontecer e provocando um novo olhar sobre a juventude.

Diante deste contexto, o tema do protagonismo ganhou foco, neste caso, no ambiente escolar. As discussões sobre este tema, por parte de profissionais envolvidos, realizadas no contexto de uma escola estadual apontaram que há, de um lado, a responsabilização dos alunos por não serem atuantes, como há também, de outro, uma parcela de profissionais que reconhecem que na escola há poucas oportunidades para a realização do protagonismo.

O que se percebe, em ambas situações, é o reconhecimento de que as iniciativas governamentais que visam diretamente este tipo de procedimento para que a população jovem tenha voz e vez nas decisões coletivas, apesar de ser de conhecimento no setor educacional, perde espaço para outras condições, intrínsecas ao contexto escolar, que não auxiliam nessa proposta, o que desarticula a ideia da democracia que vem acompanhada da participação, da reflexão, da opinião crítica, da livre manifestação, do respeito as diferentes ideologias e opções políticas, religiosas, sexuais e de gênero.

O que se vê, geralmente, no interior das escolas, são respostas às exigências legais, instituídas por documentos ou ações que são impostas às unidades escolares. A participação dos alunos, nestes casos, não é algo conquistado e veiculado pelas ações da escola. O que acontece, é uma mera representação do papel do jovem como protagonista nas ações propostas pela escola.

Essa condição, expressa em algumas realidades, apontam que, na complexidade a lógica defendida pela teoria protagônica, que é atingir e atender os interesses e necessidades desse público, as sociedades, e nesse caso destacamos ações que estão fora do alcance da comunidade escolar, deveriam criar condições para acessá-los e deixar que estes ocupem seus territórios, aceitando-os como construtores do presente e não mais de um futuro, que por vezes se acomoda nas promessas. Percebemos ainda, que o tema em questão, apesar de ter uma importância significativa no desenvolvimento social do país, não conseguiu assumir caráter de prioridade nas agendas relacionadas a educação, cultura e juventude. Pois,

quando lembradas, assumem um caráter emergente, buscando não a preparação, construção, mas a solução imediata, atendendo prioritariamente uma exigência legal.

O que resta, a partir destas observações, são questionamentos e problematizações a respeito das condições para que estas intenções se efetivem no interior das escolas, que denunciam a necessidade de novas pesquisas sobre a temática: o sistema escolar está preparado para deixar o jovem protagonizar a construção da própria escola? Há políticas públicas eficientes e acessíveis para que ação juvenil seja de fato exercida? E o educador que acompanha o adolescente teve possibilidades de compreender a importância e execução do conceito protagonismo juvenil para assim permitir que isto aconteça?

## REFERÊNCIAS

BAADE, J. H., GABIEC, C. E., CARNEIRO, F. K., MICHELUZZ, S. C. P., & MEYER, P. A. R. (2020). PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL EM TEMPOS DE COVID-19. **HOLOS**, 5, 1–16.

<https://doi.org/10.15628/holos.2020.10910> Acesso em 23 dez. 2020.

BAUER, M. W.; GASKELL, G.; ALLUM, N. C. Qualidade, quantidade e interesses do conhecimento: evitando confusões. *In*: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (ed.).

**Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**; tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002, p.17-36.

BRASIL, Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Câmara de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**.

Resolução nº 2, de 30 de janeiro de 2012. Disponível em: <

[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&id=17417&Itemid=866](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=17417&Itemid=866)>

Acesso em 28 jul. 2020.

DEBUS, M. Manual de excelência em la investigación mediante grupos focales. *In*: ESPERIDIÃO, E. **Reflexões sobre a utilização do grupo focal como técnica de pesquisa**. São Paulo: Fundação Editora de UNESP, 2004, p.62-89.

GANDOLFO, M.A.P. **Formação de Professores de Ensino Médio e (in)visibilidade de experiências de protagonismo juvenil**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2006.

GROPPO, Luís Antonio. A Questão Universitária e o Movimento Estudantil no Brasil no Anos 1960. **Revista Impulso**. p. 117-131. Piracicaba, 2005. Disponível em:<

<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp40art08.pdf>> Acesso em 18 out de 2020.

GROPPO LA, SILVA RMDD. Experiência e subjetivação política nas ocupações estudantis no Rio Grande do Sul. **Estud av** [Internet]. 2020May;34(99):409–24. Available from: <https://doi.org/10.1590/s0103-4014.2020.3499.024> Acesso em 23 dez de 2020.

SANTOS, Lídia Noemia. A “era dourada” brasileira, a emergência da juventude e os conflitos de geração. **Histórias e Culturas**. Vol. 1, n. 2, p. 63-83. Ceará, UECE, 2013. Disponível em: <http://seer.uece.br/?journal=RHC&page=article&op=view&path%5B%5D=680&path%5B%5D=885> Acesso em 14 de set 2020.

SPOSITO, Marília Pontes. CARRANO, Paulo César Rodrigues. Juventude e políticas públicas no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, nº 24, 2003, p. 24. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n24/n24a03.pdf> > Acesso em 09 agos. 2020.

THIOLLENT, Michel. Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante. **Revista Sociologia USP**. São Paulo, vol. 10. P.63-100, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v10n2/v10n2a06.pdf> Acesso em 06 de out. 2020.